

filho de ninguém

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Ao meu galês especial que partilhou comigo a maior parte da sua vida.
Amo-te mais a cada dia. E aos três rapazes que significam o mundo inteiro
para ambos, e que usam com orgulho nomes galeses que ninguém
consegue escrever ou pronunciar. Amo-vos a todos.
Obrigada por serem a melhor parte da minha vida.*

Prólogo

1045 a.C.

Wessex, Inglaterra

— **NÃO!** — gritou Cadegan, quando se viu encurralado dentro de um inferno escuro e acinzentado. Furioso perante a traição, tentou libertar-se do espelho que lhe servia de janela para o mundo humano do qual acabara de ser violentamente sugado.

Para sempre.

— Leucious! Não me podes fazer isto! Sou teu irmão!

Mas as palavras não tinham qualquer efeito sobre o coração frio do bastardo meio-demónio que o fitava, através do espelho, sem misericórdia ou piedade. E quando aqueles brilhantes olhos azuis-esverdeados se fixaram nos seus, Cadegan teve a certeza de que Leucious o havia ouvido.

E não queria saber.

Durante séculos, Cadegan dera tudo aquilo que tinha por Leucious. Servira-o com lealdade e absoluta confiança. Apenas para ser amaldiçoado sem o benefício da dúvida. Sem quaisquer perguntas.

Nada mais do que interpretações erradas realizadas contra si, por causa de uma ação que fora forçado a tomar para se proteger.

Com as suas belas feições firmes, Leucious pousou a mão aberta contra o espelho que os separava.

— Deus tenha misericórdia de ti, irmãozinho.

Continuando a sangrar profusamente dos ferimentos cuja existência

Leucious nem sequer reconhecera, Cadegan arrancou da cabeça o elmo cónico e atirou-o contra o vidro. Não deixou qualquer marca.

Uma lágrima solitária deslizou pelo rosto de Leucious. Ele limpou-a com a mão furiosa antes de tapar o vidro com um pano negro. E de o condenar ao inferno.

— Leucious! — tentou de novo Cadegan. Pontapeou o vidro. A sua cota de malha e as suas esporas tilintaram, mas o espelho manteve-se intacto.

— Thorn! — Tentou uma última vez alcançar o irmão que o traíra. — Thorn! Volta!

De nada serviu. Como todos os outros na sua vida, e contra as suas promessas de que aquilo nunca viria a acontecer, Leucious tinha-o abandonado.

— *Por crimes contra Nosso Senhor, por quebra da minha confiança, condeno-te às terras das sombras da tua mãe. Não mais percorrerás esta terra enquanto ser vivo. Passarás a eternidade a recordar aquilo que fizeste e a lamentar as tuas ações. Já não és um de nós. Por isso, serás sentenciado e banido do mundo dos homens. Para sempre.*

As palavras de Leucious assombraram Cadegan enquanto este rangia os dentes.

— Um dia escaparei deste inferno, irmão. E quando o fizer, será o teu coração o primeiro que reclamarei. Uma vida por uma vida. Sangue por sangue! Nem que demore mil anos, libertar-me-ei e tu pagarás por isto. É Cadwgwn Maboddimun quem o jura! A tua morte, Leucious. A minha vida! Juro-o!

Capítulo

UM

Nova Orleães, Louisiana
18 de setembro de 2014

— **SABES**, Selena, há uma linha muito fina entre o que é importante para mim e o que está morto para mim. E tu, neste momento, estás a pisá-la.

Erguendo-se no corredor, ao lado de uma pilha de caixas, Selena Laurens ria-se do tom sério da prima.

— Não faz mal, Jo-Jo. Lembra-te apenas de que, tendo em consideração o nosso sangue cajun-romani, mesmo que eu esteja morta para ti, independentemente do reino, continuarás capaz de me ouvir. Assombrar-te-ei para sempre.

Josette Landry estremeceu perante a alcunha de infância que sempre a fizera sentir-se como um lulu saltitante. Normalmente, corrigia a utilização de Selena, mas, por esta altura, estava demasiado cansada e doente para se importar.

— Olha, a única coisa que quero invocar, nesta altura, é uma viagem até à Baskin-Robbins. Por isso, a menos que tragas na mala um quarto de litro de delícia cremosa, para de falar e começa a conduzir. — Jo empurrou suavemente Selena em direção à porta e ignorou os sinos que tocavam na bainha da saia prateada e roxa dela. Uma autoproclamada vidente, a prima aderira ao lado mais bizarro da sua herança cigana com tudo o que tinha.

Jo fez uma pausa, olhando de relance para Selena, desde o cimo do seu comprido e encaracolado cabelo castanho, a blusa rústica branca, e o berrante colar com a forma de lua até às sandálias *Birkenstock*.

Optou por retirar o que tinha dito. Selena não aderiu simplesmente, ela era como um mau estereótipo a correr alegremente de um lado para o outro como um leitãozinho numa fábrica de lama.

Selena fungou.

— Afogares os teus problemas em sorvete Rock ‘n Pop Swirl não vai resolver nada.

— Esquece o sorvete. Este é um dia que pede Strawberry Cheesecake com molho de chocolate... três bolas. Agora mexe-te!

— Amanhã vais odiar-te.

— Já me odeio agora. Pelo menos deixa que odeie a minha vida com a memória maravilhosa da felicidade saborosa e gelada na minha barriga protuberante.

— Como queiras — cedeu Selena. — E até pago.

— Claro que pagas. — Jo pôs ao ombro a mala coçada estilo mensageiro. — Estou falida.

Selena fungou uma vez mais enquanto procurava o seu enorme porta-chaves penugento da mala de verga *hippie*.

— Não estás bem, pois não?

— Estou geneticamente ligada ao teu ramo da família. Claro que não estou bem. Eu *já* estarei bem.

Abanando a cabeça, Selena esperou enquanto Jo trancava a porta do apartamento, embora não fizesse ideia do porquê de se dar a tal trabalho. A única coisa de valor no seu interior eram os três cães. E se os ladrões levassem consigo biscoitos de cão, estes abandoná-la-iam sem dar luta. Malditos cães babados.

Jo teve um vislumbre das caixas que tinha estado a encher através da janela e estremeceu. Se a sua corrente de má sorte não mudasse em breve, ficaria na rua e seria obrigada a entregar os seus queridos cães a um abrigo.

Ou, pior, à irmã mais velha.

Como é que poderia ter chegado àquele ponto? Não era suposto a sua vida ser assim. Nunca tinha sido irresponsável. Enquanto os outros miúdos saíam para beber e festejar, ela ficava em casa e estudava com afinco. Terminara o curso no topo da turma. Poupara e tinha perdido todo o seu aforro em honorários de advogados quando se divorciara do marido que se recusava a trabalhar. Isso porque, se Barry Riggio estivesse a trabalhar, não teria tempo para comer outras mulheres na cama de Jo enquanto esta se arastava por dois empregos para os conseguir sustentar!

Sim. Nunca se sentira tão traída ou magoada. *Nunca mais voltarei a confiar num homem.*

E como se isso não fosse suficientemente mau, a redução da empresa tinha-lhe custado o seu primeiro emprego, e perdera o seu segundo emprego há seis semanas, depois de a fábrica ter ardido em resultado de um bizarro fogo elétrico.

Esmagada sob o peso do falhanço da sua vida e ambições, Jo virou para a rua e dirigiu-se para o passeio onde estava estacionado o jipe de Selena. Se ao menos o marido de Selena e a sua firma de advogados lidasse com divórcios, talvez ela tivesse conseguido poupar alguma coisa. Mas a especialidade de Bill era o direito empresarial e criminal, não o direito de família. E ainda que o seu amigo advogado lhe tivesse feito um desconto, tinham sido necessários todos os cêntimos das suas poupanças para se ver livre do parasita traidor.

— O que é que eu vou fazer, Lainie?

Selena abriu-lhe a porta do carro.

— Respira, querida. Também isto irá passar. Entretanto posso...

— Eu *já* nunca aceitarei um empréstimo vindo de ti. Nunca!

— Aceitas um emprego?

Jo esperou até Selena entrar no jipe pelo outro lado antes de responder.

— Não sei ler folhas de chá nem as palmas das mãos. E se me puseres na tua loja, aviso-te já, não tenho a certeza de conseguir refrear o sarcasmo.

— Sim, sei que tu e o comércio são uma má combinação. O teu tio Jacob continua a vociferar, nas reuniões de família, por causa daquele *dia* que passaste a trabalhar na sua garagem.

— Não sejas tão melodramática... Só lá trabalhei durante duas horas antes de a tia Paulina me pôr a andar.

Selena começou a rir-se.

— É precisamente a isso que me refiro. Seja como for, dado que valorizo a minha base de clientes e os respeito imenso, não tenho qualquer intenção de *te* pôr atrás do balcão onde poderias, sozinha, lançar para a sarjeta o meu negócio. O que tenho para ti, menina sarcástica, pede apenas que faças o que melhor fazes. Que trabalhes como operadora de câmara.

Jo endireitou-se de imediato.

— Oh? A sério?

Selena acenou com a cabeça, enquanto navegava através do trânsito.

— Só há um pequeno senão.

— Ah, bolas, eu sabia! É para um *site* pornográfico, não é?

— Não! — Selena fez uma careta, depois pareceu considerar a questão.
— Se bem que, conhecendo-te, talvez preferisses a pornografia em vez desta missão.

Uma sensação desagradável instalou-se no estômago de Jo quando ela se apercebeu de que tinha algo a ver com o paranormal, e tipos mais burros do que a maçaneta de uma porta.

— O que é?

— Tenho uns amigos...

— Não! Já conheci os teus amigos. Prefiro trabalhar na loja para adultos da Tabitha, a arrumar autocolantes brilhantes para mamilos e tangas comestíveis.

— Também posso tratar disso. Lembra-te apenas de que tens de aprender a diferença entre K-Y e...

— Para! Já! Não quero saber da depravação da tua irmã. Ainda estou marcada devido àquela história que ela contou de ter encontrado as dentaduras de alguém na gaveta das tangas.

— És tão púdica.

— Eu e a Amanda. Os únicos bastiões de ausência de loucura numa longa linhagem de doidos varridos.

Selena fez uma pausa num semáforo para a fitar furiosa.

— Queres que te fale do trabalho ou não?

— Como queiras — concedeu Jo com relutância. — Eu oiço, e pelo menos aqui posso saltar do carro e voltar para trás.

Selena fungou.

— As minhas amigas estão a tentar preparar o seu próprio programa de TV por cabo.

Jo arrependeu-se subitamente da sua arrogância.

— Na verdade isso parece promissor. Que tipo de programa?

— *Chamamento do Inferno. As Mulheres da Demonologia e da Possessão.*

— Muito bem, vamos fazer um desvio de volta para a rampa do «nem penses que eu vou fazer isto».

— Como queiras. — Selena virou à esquerda. — Só por curiosidade, sei que já lá vão quase cinco meses, mas já contaste aos teus pais acerca do divórcio, e da ação de despejo?

— Odeio-te, Selena.

— Não, não odeias. Adoras-me com a paixão de mil *paparazzi* atrás de um exclusivo da Emma Stone.

Jo lançou um beijo à prima.

— Continua a acreditar nessas mentiras.

— Não são mentiras. Sou psíquica. Eu *sei*.

Divertida e desagradada, Jo revirou os olhos. Por muito que odiasse

admiti-lo, Selena tinha razão. Ela amava e adorava a sua louca prima mais velha mais do que tudo. Com loucura e tudo.

— Quanto é que paga este trabalho? E quando é que querem que comece?

— Se conseguirem encontrar um operador de câmara fiável e imper-turbável, começam já amanhã. Mas todos os que levaram consigo fugiram a gritar ao fim de quinze minutos ou menos.

Uau, isso era impressionante. Até para o grupo de taradas *especial* de Selena.

— É assim tão difícil trabalhar com elas?

— Não. Elas são bastante encantadoras... O espaço que estão a investigar é que está assim *tão* assombrado.

Desta feita, Jo cedeu e explodiu numa gargalhada.

— Não estás a falar a sério?

— Juro.

— E o que estão elas a investigar? A mansão LaLaurie?

Selena abanou a cabeça.

— A casa da Karma.

Já seria de esperar. Na sua longa linha familiar de personagens peculia-res e dispostas a acreditar em fadas voadoras, possessões alienígenas e o Pai Natal, Karma Devereaux era a Rainha Lunática... a mulher até dera ao filho a alcunha de E.T. e o nome real do miúdo era Ian.

— Lainie, se eu revirar ainda mais os olhos, provavelmente vou engoli-los.

Selena estendeu o braço e deu-lhe uma palmada brincalhona na parte de trás da cabeça, estilo Gibbs.

— Ei!

— Estavas a precisar. Além disso, esse cinismo ser-nos-á útil. Precisamos de alguém que não se assuste no local com a câmara.

— Sim, bem, tendo sobrevivido a muitas festas de pijama e reuniões de família com todos vocês, sou imune a *quase* tudo. Excluindo a tia Xilla.

— Ótimo. Vou telefonar-lhes e dizer-lhes que estarás em casa da Karma amanhã às onze. Está bom para ti?

— Talvez. — Jo semicerrou os olhos, fitando Selena enquanto esta estacionava na Baskin-Robbins. — Ainda não me disseste quanto é que vou ganhar com esta visita desgraçada ao sovaco do Hades, também conhecido como casa da Karma.

— Trezentos e cinquenta por dia, mais refeições.

Jo ficou de boca aberta.

— Estás a gozar comigo.

— Não. Tivemos de subir até aí, para que alguém aceitasse o trabalho. Mas ainda não pagámos a ninguém mais de vinte dólares pela sua aparição de quinze minutos, e a maior parte disse para ficarmos com o dinheiro porque tinham medo de que também estivesse amaldiçoado ou assombrado.

Jo troçou da paranoia.

— Que monte de florzinhas supersticiosas... — Mas aquilo podia ser bom para ela. — Achas que consigo quatrocentos por dia?

— Nesta altura? Provavelmente. — Selena levou a mão ao telefone. — Vou mandar uma mensagem à Mama Lisa e confirmar.

— Está bem. Consegue esse valor e terás uma fotógrafa, operadora de câmara, moça de recados, porteira... o que queiras, destemida.

— Também estarias disposta a passar lá a noite?

— Não — disse Jo enfaticamente.

Selena ergueu os olhos do telefone com uma sobranceira arqueada.

— Pensei que não tinhas medo.

— Não tenho medo de fantasmas ou demónios. Mas a Karma aterroriza-me. Sem ofensa, a tua irmã é louca.

— Sim, é. Sinceramente, ela também me assusta. — O sorriso de Selena abriu-se ainda mais. — A Mama Lisa concorda com o teu preço. Disse que, se conseguires aguentar três dias de filmagem, te oferece um bónus de mil dólares.

Jo estava quase extasiada. Até a fada da realidade se ter aproximado e a ter esbofetado. Subitamente aterrorizada, começou a olhar para o céu por cima delas.

— O que significa esse olhar? — perguntou Selena, enquanto também ela fitava os céus.

— As coisas estão a correr bem de mais. — Voltou a deslizar o olhar para a prima. — Estou à espera que um relâmpago me atinja.

— Não sejas ridícula. Está um dia perfeitamente soalheiro.

— Pois, e o inferno é só um *jacuzzi*. Estou-te a dizer, Lainie, vai acontecer algo realmente muito mau. Eu sei.

Porque desde o instante em que respirara pela primeira vez, estava amaldiçoada. E *nunca* nada corria bem com ela.

— EI, *Ma*?

Karma Devereaux suspirou pesadamente quando ouviu o filho chamá-la

do corredor do piso de cima. Saiu da sala de estar e ergueu os olhos para o patamar.

— Estou um bocadinho ocupada, Boo. O que precisas?

Enquanto o seu filho de doze anos se inclinava sobre a balaustrada para espreitar para baixo, os seus caracóis negros apresentavam-se com uma grande confusão em redor da cabeça, como se tivesse estado ao vento. Algo estranho, tendo em consideração que estava um dia quente com uma pequena brisa.

— Sabes aquele vaso esquisito, bizarro e arrepiante que tem a runa da lua escrita? Aquele em que me disseste que nunca devia tocar?

Ela sentiu que o sangue lhe abandonava o rosto.

— Não lhe tocaste, pois não?

— Não. Mas o *Rug* tentou, de novo, fugir para a liberdade e quando o encurrei no quarto onde não é suposto eu entrar, vi-o no chão, partido. E juro por tudo o que há de sagrado que nem eu nem o hamster fomos os responsáveis. Parece que já tinha sido feito antes.

Aterrorizada pelo filho, Karma correu pelas escadas tão depressa quanto podia.

— Tocaste em *alguma* coisa?

E.T. ergueu o hamster que se aninhava nas suas mãos.

— Só no *Rug*.

— Coloca-o na sua gaiola. — Esperou que o filho partisse antes de entrar com cautela no quarto. O terror consumiu-a, e mal viu o vaso quebrado, soube porquê. Aquilo não caíra no chão, partindo-se por acidente.

Algo o fizera *estilhaçar*.

E isso explicava a razão de haver tanta atividade na casa ultimamente. A razão por todos fugirem a correr porta fora.

Um dos seres mais antigos e mortíferos do universo tinha sido libertado.

Sentindo-se doente, tirou o telefone do bolso e marcou o número do último recurso.

Zeke atendeu ao primeiro toque.

— Controlo de Pestes de Zeke Jacobson. O que está a comer a sua alma hoje?

— Não tens mesmo piada nenhuma.

Ele ignorou o tom engraçado dela.

— Karma? És tu?

— Sim. Temos um problema, companheiro, e preciso da cavalaria.

— O que fizeste agora?

— Juro que não fiz isto. Não tenho a certeza como é que isto aconteceu, mas... o Valac escapou.

— Por favor, diz-me que quando estás a dizer isso, queres dizer que ele está a bater nas tuas portas e quer sair para brincar. Não que ele saiu, saiu, tipo saiu.

— Ele desapareceu. Pôs-se a andar. Pisgou-se. Eu nem sequer sabia que ele se tinha libertado. Não faço ideia de quando partiu.

— Ele foi invocado?

Ela tocou com a biqueira do sapato no vaso.

— Sim — sussurrou. — Mas como é que conseguiram que ele passasse pela minha proteção?

— Não faço ideia. Mas tinham de ser fortes e ferozes por direito próprio. Tendo isso em consideração, tenho de chamar a artilharia pesada.

— Tu és a artilharia pesada, Zeke. Não é para isso que serve um Necrodemian? Tu matas o grande mal.

— Sim e não. Há cerca de cem demónios conhecidos que estão para lá das nossas capacidades para os combatermos e matarmos. Demónios que têm origens tão poderosas e antigas que foram selados e era suposto assim permanecerem. Para este nível de demónio, necessitamos de capacidades de devastação nuclear. Só um da sua estirpe poderá combatê-lo e voltar a colocá-lo na sua garrafa sem morrer no processo.

— Espera. Não estás a propor que invoquemos um demónio mais forte, mais *demoníaco* para o capturar?

Zeke estava prestes a arrastar Thorn para uma terrível confusão. Mais do que ninguém, Karma sabia como isso era má ideia. A última coisa de que Thorn necessitava era de tentação. Todos os dias, deslizava para mais perto do reino do pai, ela conseguia senti-lo de cada vez que falavam. Mas Zeke tinha razão. Que escolha é que havia?

— Sim, não chamamos muitas vezes os Caçadores do Inferno. São como cães raivosos e normalmente combatemo-los, bem como os mais horrendos. No entanto, é a única opção neste caso. A menos que queiras que o Valac fique livre para passear pelas nossas ruas e não me parece que isso seja uma boa ideia, em especial com o Halloween a chegar. Aguenta-te, e irei para aí assim que possível.

Karma desligou o telefone enquanto percorria com o olhar a divisão onde armazenava e limpava algumas das relíquias e artigos mais assustadores do reino paranormal. Nunca quisera ficar com Valac, mas quando a irmã Tiyana morrera, tinha herdado a sua guarda. Tiyana obrigara-a a prometer

que caso lhe acontecesse alguma coisa, Karma não confiaria aquele recipiente a mais ninguém. Independentemente da razão.

E agora...

Por favor, só espero que este não seja o pior erro da minha vida.

Capítulo

DOIS

JO tinha acabado de passar o seu equipamento para um enferrujado *Ford Falcon* de 1964 que costumava ser vermelho, mas que tinha agora mais cinzento primário do que qualquer outra cor, quando o telefone começou a tocar. Atendendo, dirigiu-se ao lado do condutor e atirou a mala para o interior.

— Olá, prima. Rápida mudança de planos. Não nos vamos encontrar em casa da Karma. Recebemos uma chamada de emergência da mansão de Gardette-LePretre em Dauphine.

— Deves estar a brincar comigo. Aquela casa estranha onde o sultão e o seu harém foram chacinados?

— Essa mesma. Vamos lá... oh, e o tipo vai pagar-nos uma batelada. O teu bónus acaba de ter um bebé! *Mazel tov!*

Na esperança de que aquele não fosse um sinal adicional de um Apocalipse que se aproximava, Jo desligou e entrou no carro. Bem, ela sempre tivera um fascínio mórbido por aquela casa que ficava a poucos quarteirões da loja de vodu da família, Erzulie. Quando eram miúdas, a sua tia Kalila regalara-as com histórias assustadoras acerca daquela velha mansão e dos horrores que aí haviam ocorrido há quase duzentos anos.

Boa.

Mas não conseguia suprimir a tristeza perante o pensamento de passar pela loja onde a prima Tiyana tinha morrido. Desde essa noite horrível, fizera os possíveis por evitar toda a rua. Nem conseguia imaginar como

seria pior para Selena e as irmãs, em especial Tabitha, que era agora a sua proprietária.

De todas as doidas varridas da família Devereaux, Tiyana tinha sido uma das preferidas de Jo. Embora nunca tivesse acreditado em nada daquilo a que o pai chamava tretas do outro mundo, Jo costumava passar por lá e levar um pouco dos óleos e sabonetes especiais que T e a sua tia Ana faziam para a Erzulie.

Não penses nisso.

Era difícil não pensar. Se havia uma lição que Jo tinha aprendido, era o quão depressa a vida mudava. Num minuto estamos a passear no nosso pequeno casulo de entorpecimento. E no seguinte... bam! Todo o nosso mundo descarrila, deixando o coração em pequenos pedaços ensanguentados no passeio, que nos fazem perguntar se algum dia seremos capazes de o voltar a montar.

Deveria ser ilegal que a vida pudesse fazer algo sem *qualquer* aviso.

Desagradada, rodou a chave na ignição. O carro ganhou vida, chocalhando com um trepidar mortífero e um grande arroteo de fumo negro que se estendeu por um quarteirão inteiro. Sim, era embaraçoso, mas tinha de dar crédito àquele velho *Falcon*. Aos cinquenta anos, tinha mais vida do que ela de momento.

Afastando tudo da sua mente com exceção da canção de Prince que passava na rádio, dirigiu-se para Dauphine, onde Selena e Karma já a esperavam, juntamente com quatro mulheres que nunca antes conhecera.

Jo encostou atrás do jipe de Selena e estacionou na rua. Depois de uma extremamente longa e humilhante ronda de «sim, desliguei o carro e ele continua a trabalhar, não sei se alguma vez vai parar, por isso deixem-me em paz e sintam-se satisfeitas por não ser o vosso», saiu e juntou as suas malas. Quando se aproximou delas, não pôde deixar de se aperceber das expressões nos rostos de todas que diziam que tinham estado a apostar para ver quanto tempo ela aguentaria.

Deslizando até junto de Selena, sorriu.

— Eu aposto oito.

— Oito quê?

— O tempo que eu vou aguentar até sair a correr daquela casa.

Karma deu uma gargalhada.

As restantes pareceram confusas.

Com um fungar desdenhoso, Selena apontou para a pequena loura à direita.

— Jo, apresento-te a nossa líder destemida e principal exorcista, Mama Lisa. É ela que tem o programa de rádio na Internet, *Voices Carry*, nas noites de quarta-feira.

Jo conhecia bem o programa. Era o único que Karma ouvia que ela conseguia suportar.

Estendendo a mão, Jo inclinou a cabeça na direção da mulher com olhos amigáveis e um belo sorriso.

— É um prazer conhecer-te.

— A ti também.

Em seguida, Selena indicou duas mulheres de cabelo castanho suficientemente parecidas para serem parentes.

— A Irmã Jordan e a sua irmã a sério, Sarah.

Trocaram cumprimentos.

— E por fim, mas nunca por último, Mistress Mercy.

Roliça e adorável, exibia um conjunto de profundas covinhas.

— Olá, Jo. Espero que não te assustes facilmente. Hoje vai ser um assombro.

Jo piscou-lhe o olho.

— Mal posso esperar.

— Não tens medo? — perguntou Lisa, duvidando.

— Já conhecestes a Karma, certo? Imagina partilhar casa de banho e a cama com ela durante o verão. Ela é uma porca. Nada me assusta mais do que os seus rituais de banho à meia-noite.

Todas se riram. Até Karma.

— Está bem, Menina Imperturbável. — Karma tirou uma das malas do ombro de Jo. — Prepara-te para um susto! — Enquanto se afastava, emitiu uma gargalhada fantasmagórica fingida.

Jo dirigiu a Selena um olhar pouco impressionado.

— Sinto-me como se estivesse de novo presa na casa do lago com ela... ajuda-me.

Abanando a cabeça, Selena agarrou no tripé e levou-o para o interior. Jo seguiu-as, mas hesitou no átrio. Não porque se sentisse assustada, mas porque era absolutamente encantador. Ainda que o exterior da casa fosse de um revivalismo grego clássico, incluindo uma varanda de ferro forjado ornamentada — toda ela —, o interior era absolutamente moderno e contemporâneo.

Madeiras polidas. Ventoinhas de teto. Belos tetos artesoados. Requitado.

Jo tentou não ficar de boca aberta de espanto.

— Pensei que eram apartamentos.

Selena pousou o tripé.

— Eram. Em agosto do ano passado, foi comprado e convertido numa só casa. Nove quartos, dez casas de banho. Cerca de seiscentos e cinquenta metros quadrados de puro mal.

— Não parece mal. Parece muito agradável.

— Obrigado.

Jo virou-se ao ouvir a voz profunda de um homem. Envergando uma camisa de golfe verde, era de meia-idade e tinha o ar de alguém no controlo da situação.

— Cal — disse Lisa em saudação. — Obrigada por nos deixar fazer isto.

— Não. Eu é que *vos* agradeço por terem vindo. Depois da semana passada, a minha esposa recusou-se a regressar. Já está a fazer chamadas para vender o espaço. Quem me dera que ela o tivesse feito antes de ter chegado a última conta das remodelações. Mas o que posso eu fazer? Suponho que, ainda assim, seja mais barato do que um advogado de divórcio.

Selena retirou um bloco de notas de vinil e lombada em espiral com monstros fofos na capa e uma caneta com penas de flamingo. Afinal não tinham uma aparência assim tão profissional.

— O que se passa exatamente?

— Sinceramente, a princípio nada. Estivemos aqui quase um ano sem quaisquer ocorrências. Como todos os outros, pensávamos que as histórias acerca de este espaço ser assombrado eram falsas. E depois...

Selena ergueu os olhos.

— O quê?

— Chegámos de um jantar, certa noite, e havia um cheiro estranho. Nem sequer consigo descrever o quão nojento era. Pensámos que tivesse havido um problema com um dos esgotos, ou assim.

Lisa parou junto à mesa do corredor.

— Havia aqui algo que não pertencia. — Acenou com a mão para uma tigela de berlindes.

Cal acenou com a cabeça.

— Alguém tinha pousado aí uma rosa vermelha solitária.

— Ouviram um grito num andar de cima — sussurrou Jordan, enquanto repetia o que quer que pensasse que tinha acontecido. — A sua esposa correu de volta ao carro para telefonar à polícia enquanto o Cal se dirigia ao quarto piso para investigar. — Olhou pra ele. — Mas nada encontrou. O quarto estava completamente vazio.

Franzindo o sobrolho, ele voltou a acenar.

— Como é que sabe isso?

— Elas são muito sensíveis. — Karma virou-se de novo para Jo. — Não devias estar a filmar isto?

— Desculpa. — Jo pousou o saco da câmara no chão e retirou do seu interior a *Digital Camcorder*. Equilibrando-a no ombro, ligou-a, depois franziu o sobrolho enquanto mexia no botão. — Que estranho.

— O que aconteceu? — perguntou Selena.

— Tirei a bateria do carregador imediatamente antes de sair de casa e agora está vazia. — Jo trocou-a, apenas para constatar que as duas baterias de reserva também estavam mortas.

Selena tomou nota.

— Todas, depressa. Verifiquem os telemóveis.

Uma a uma, reportaram o mesmo.

— Completamente esgotados.

— Oooo — sussurrou Karma. — Já temos atividade. — Com a ansiedade de uma criança no Natal, olhou para Cal. — Viu alguma aparição?

— Um homem de cabelo claro. Jovem.

— Onde?

— No piso de cima. Um espelho de corredor antigo que está agora num roupeiro. Veio com a casa. Tirei-o da parede depois de a minha esposa ter começado a ter pesadelos com ele, há cerca de um mês.

— Então vamos vê-lo e... — A voz de Lisa perdeu-se quando ela abriu uma porta à esquerda e vagueou para o interior do quarto. Estacou.

Tal como as outras.

Uma a uma, viraram-se para fitar o proprietário.

— Gosta mesmo de antiguidades, hã? — perguntou Selena.

Ele encolheu os ombros.

— Sou historiador. São artefactos que coleciono. A maioria vem do eBay, e de amigos que são antropólogos e arqueólogos.

Karma virou-se para Selena.

— Qual é o período temporal?

— Babilónio. Muito babilónio.

Cal acenou com a cabeça.

— A Acádia e a Suméria são o meu principal foco de atenção. Isso é um problema?

Karma abanou a cabeça.

— Conhece a Dra. Parthenopaeus?

— A Tory? Sim. Conheço-a há anos.

— Então e o Dr. Julian Alexander? — perguntou Selena.

— Ele também.

— Devíamos telefonar-lhes? — sussurrou Karma à irmã.

— Não tenho a certeza. Ainda. Vamos dar mais uma vista de olhos. —

Selena prendeu a caneta no bloco de notas. — Mostre-nos o espelho.

Jo seguiu as outras enquanto subiam as escadas. Estava a tentar não ficar perturbada com tudo aquilo, mas a cena das baterias era realmente estranha. Uma e outra vez, tentou pensar numa razão lógica para tal.

Não consegui. Nada deveria provocar uma total descarga da energia. De *todos* os objetos.

Aquilo era peculiar.

Cal conduziu-as até um outro quarto e abriu a porta de um roupeiro *walk-in*.

— Sentem isso? — Jordan estremeceu.

A irmã acenou com a cabeça.

— Está algo aqui connosco.

— Lençóis — disse Jo. — Olaria. Montes e montes de tapetes e obras de arte.

Elas dirigiram-lhe um olhar irritado que dizia que o seu bónus podia estar a encolher.

Cal e Lisa foram buscar o espelho. Com mais de dois metros de altura, era uma antiguidade impressionante que lhe fazia recordar as centenas que vira nas lojas de antiguidades que enchiam Royal Street. Fosse por que razão fosse, Jo sempre se sentira fascinada por espelhos, em especial antigos. De tal maneira que tinha forrado todo o seu quarto com eles quando era miúda. Algo que aparentemente lhe corria nas veias, dado que a mãe confessara ter feito a mesma coisa quando era nova.

— Então, quantos anos de azar é que teríamos se partíssemos isso? — Jo estava a tentar aligeirar o ambiente.

Tudo o que conseguiu foi irritar as suas companheiras.

— Finge seres séria — disse Mercy com um olhar irritado. — Nós *somos* profissionais.

Recordando-se de que o seu bónus poderia ter um bebé caso ela não desse cabo de tudo, Jo recuou.

— Desculpem.

Absolutamente entediada enquanto elas estudavam o espelho e o bloqueavam, impedindo que ela o observasse, percorreu com os olhos a divisão que tinha uma vista espantosa da Catedral de St. Louis ao fundo da rua.

Sem qualquer pensamento consciente, avançou para a janela que refletia o interior da divisão. Viu uma sombra passar por ela.

Tu és a tal...

Ela virou-se perante o sussurro. Não estava lá ninguém. As outras continuavam reunidas em torno do espelho, comparando notas e especulando sobre as suas peculiaridades.

Hmmm...

Sim, estou a perder o juízo.

Elas costumavam fazer aquilo quando ela era miúda. Agiam com maravilhamento, em especial perto de espelhos, e viam coisas até a terem convencido de que também ela as vira.

Mas sabia que não era assim.

As Devereaux eram as mais estranhas das estranhas. A começar pela tia Rocky e a percorrer todas as nove filhas bizarras e loucas.

Agora que pensava nisso, a mãe de Jo também não era propriamente normal. As Floras tinham uma longa linhagem de curandeiras excêntricas, mas, ainda assim, adoráveis. Até a avó romani tinha uma veia no pé que jurava só saltar quando se aproximava uma tempestade. Podia apostar tudo o que tinha nisso.

Mas havia uma coisa boa em relação a elas: os piqueniques e as reuniões de família *nunca* eram aborrecidos.

— Vens, Jo?

Virou-se perante a pergunta de Selena e apercebeu-se de que todos tinham deixado o quarto enquanto ela ali se mantinha a sonhar acordada.

— Vou mesmo atrás de vocês.

Enquanto as seguia de um lado para o outro, tinha de admitir que havia algo de bastante bizarro naquela casa. Iluminada e patologicamente limpa, era perturbadora. A sério, ninguém devia ter uma casa assim tão imaculada enquanto lá residia.

Sim, a casa exsudava estranheza.

O seu olhar deslizou para Karma.

E aqui está. A fonte de toda a bizzarria. Jo refreou uma gargalhada perante tal pensamento.

Ignorando-as enquanto tagarelavam acerca de coisas que ela não conhecia e sobre as quais nada queria aprender, deslizou em direção à porta das traseiras que se abria para um pequeno pátio. Estacou quando se deparou com o mural mais incrível que alguma vez vira. Composto pelo que pareciam ser painéis de espelhos antigos que refletiam o interior da casa, estavam cobertos

por peças de metal, dispostas de modo a parecerem árvores tridimensionais, com a porta para as traseiras a abrir-se no centro delas. Transmitia a ilusão de que se penetrava num pomar místico.

Preciso disto no meu apartamento...

— Belo, não é?

Ela virou-se ao ouvir o som da voz de Cal.

— Sim, é. Já aqui estava quando comprou a casa?

— Não. Um amigo da minha esposa é artista. Faz muitos dos murais que se veem nestas casas mais antigas.

— Percebo porquê. — Ela sorriu-lhe. — Tem uma casa impressionante. Calculo que o senhor e a sua esposa se sintam muito orgulhosos.

No preciso momento em que ele abriu a boca para falar, Lisa solicitou a sua atenção. Ele deixou-a para ir falar com elas.

Sozinha, Jo aproximou-se mais das árvores metálicas de modo a estudar o trabalho artístico. Aquilo exigia mais paciência do que ela alguma vez teria. Mas a artista que existia em si sentia-se fortemente intrigada pelo trabalho.

Enquanto tocava suavemente com os dedos nos limites esmaltados, o seu olhar deslizou para os velhos espelhos manchados que tinham sido meticulosamente unidos e ali colocados para dar efeito. Sim, ela queria, sem dúvida, fazer aquilo com alguns dos espelhos que tinha colecionado ao longo dos anos.

A sombra de uma luz moveu-se por detrás de um dos painéis.

Franzindo o sobrolho, virou-se para ver se estava alguém atrás de si.

O local estava vazio.

Não sejas parva. E não deixes que elas te entrem na cabeça. Não a menos que planeies cobrar-lhes renda. O dinheiro fazia-te jeito.

Rindo-se dos seus pensamentos, dirigiu-se à porta, tencionando investigar o pátio onde se dizia que o arrendatário da propriedade tinha sido enterado vivo durante o massacre que ali ocorrera.

Mas quando avançava em direção à porta, tropeçou no limite do tapete. Jo esticou o braço tentando apoiar-se na parede. Mas em vez de tocar nos painéis de espelhos, atravessou-os.

Por completo.